

## Cultura Imaterial. (ECA 14/8)

O tema desta última das quatro palestras será o cérebro, e devo portanto advertir que de neurofisiologia não entendo quase nada. Minha desculpa é esta: falarei no cérebro como os filósofos mecanicistas falavam da máquina, e como os pensadores barrocos falavam em relógios, e em tais usos um tanto metafóricos, a ignorância de detalhes ajuda: facilita o voo do pensamento. Por favor, mantenham esta minha ignorância na mente, ao me criticarem depois da palestra.

Disse que o tema de hoje será o cérebro: deveria ter dito que será a utopia. Ora, os dois temas se confundem atualmente. Argumentei, nas palestras precedentes, que nova camada de consciência, com novos códigos, portanto novas categorias de pensamento, de valoração e de ação, está emergindo. Argumentarei hoje que tal visão utópica do futuro iminente está conexa com a visão do cérebro e do sistema nervoso, e isto de varias maneiras. Alguns exemplos: A revolução pós-industrial se caracteriza pela instalação de aparelhos que simulam funções cerebrais e/ou de órgãos perceptivos, isto é de órgãos cerebrais. O código digit que articula a nova imaginação simula, por sua estrutura, os saltos quânticos das partículas nas sinapses nervosas. O cérebro, com sua estrutura extremamente complexa e suas funções intrincadamente entrelaçadas, é o modelo par excellence de uma caixa preta, e serve de ponto de partida para as análises cibernéticas de sistemas complexos. O lento mas inexorável desvio do nosso interesse, que vai abandonando os problemas da modificação do mundo objetivo, (do trabalho), em direção de problemas de informações, (do processamento de dados), é no fundo um desvio de interesse a partir do sistema muscular e digestivo em direção do sistema nervoso. O conceito do orgasmo cerebral vai inclusive desviando o interesse do sistema reprodutivo. O tecido social, outrora visualizado enquanto campo de batalha entre interesses, vai sendo visualizado sempre mais enquanto tecido nervoso. E sobretudo: o concreto não mais é vivenciado enquanto algo massivo que nos barra caminho por sua perfídia inerte, mas enquanto vacuidade absurda, regida pelo acaso cego, e em tudo comparável com os processos computatórios nos intervalos entre os nervos cerebrais. Resumindo tais exemplos multiplicáveis ad nauseam: a visão utópica está conexa com a visão do cérebro, porque ambas são visões nas quais o material e o mental se confundem. A próxima Bienal terá a utopia por tema: sugiro que tome imagem sintética de cérebro como emblema.

Partirei, nestas reflexões utópicas, do campo socio-político, porque a política trata do poder, isto é da decisão, isto é da liberdade, e toda utopia, inclusive as negativas, tratam da liberdade. Sob o enfoque darwiniano, (seja ele colorida pelo liberalismo, "direita", ou pelo socialismo, "esquerda"), há luta pelo poder, e os que conquistam o poder, decidem pelos outros. Argumentei na palestra precedentes que tal enfoque linear, processual, discursivo, histórico não mais é sustentável. As decisões podem atualmente ser decompostas em bits de decisão e recomputadas em decisões-mossico, estratégia esta pela qual inteligências artificiais decidem. Não há indivíduo, grupo, classe ou eminência parda que detenha o poder de decisão, porque tal poder não é algo que possa ser detido. Exemplo: se o presidente americano e/ou o secretário geral do partido se decidirem de apertar o botão vermelho e reduzir a cultura a cinza radio-ativa, não terão eles exercido o poder da decisão, mas terão executado actoma provocado por outros actomas, por exemplo por um botão apertado em tela TV que mostra foguetes dirigindo-se rumo a União Soviética e/ou os Estados Unidos. Por isto, a função de presidente americano e/ou do secretário geral é perfeitamente robotizável. Presidente e secretário não são poderosos, mas funcionários de aparelho automatizado e sempre mais automatizável. O pensamento político clássico, linear, histórico, deve ceder seu lugar a pensamento cibernético, termo este em cuja raiz se encontra o verbo "kybernein", do qual deriva também o termo "governo". O darwinismo político deve ceder seu lugar a visão neuro-fisiológica da sociedade.

No cérebro não há nenhuma zona, nenhuma função especial, nenhum ponto central que governe o resto, que tome as decisões definitivas. As decisões tomadas pelo cérebro, (isto é: por nós enquanto indivíduos), são resultados de computação de bits decisórios que ocorrem no cérebro todo. As decisões são tomadas por algo que pode ser chamado "consenso". O mesmo ocorre na sociedade, este super-cérebro

composto de cérebros, com a única diferença que a sociedade é cérebro muito pouco eficiente. Por tal ineficiência nutrimos a ilusão que há os que decidem, e outros que são manipulados. A visão utópica projeta imagem de sociedade enquanto super-cérebro mais bem estruturado. Sociedade sem governo, com o poder de decisão diluído pelo tecido social todo, portanto sociedade livre, embora com significado novo, inter-relacional, ludico do termo "liberdade". Ora, tal visão utópica, cerebralizadora da sociedade, e desde já tecnicamente viável. (O que não implica que seja viável efetivamente.) A técnica que permite o estabelecimento de tal sociedade utópica é chamada "telemática", e desviarei o argumento para este campo.

Não tratarei dos aspectos teóricos que sustentam tal técnica, como seja a teoria das decisões ou a teoria dos jogos. Não o farei por falta de tempo. Esboçarei apenas os resultados da telemática aplicada. Rede de cabos reversíveis, em cujos nós de cruzamentos se localizam inteligências artificiais e humanas. Os cabos transportam informações, que são processadas e reprocessadas nos nós de cruzamento. O input da rede são dados provindos do mundo externo e do mundo interno, (da "matéria" e da "mente"). O output da rede são decisões transmitidas a máquinas, decisões estas cujo propósito é dar significados ao mundo externo e interno, isto é; a vida dos participantes do jogo telematizado. Uma palavra digamos assim "ontológica", antes de considerar tal super-cérebro social um pouco mais de perto. A contenda clássica: "a sociedade será sistema a serviço do indivíduo, ou o indivíduo será partícula da sociedade e funcionará em sociedade?" está superada. Nem sociedade nem indivíduo são dados concretos. O concreto é a relação inter-subjetiva, (o tal "cabo"), da qual sociedade e indivíduo não passam de horizontes abstratos. Não há desde já muito sentido em querer distinguir entre inteligências artificiais e humanas, e terá sempre menos sentido, porque a realidade concreta não está nelas, mas nas relações informáticas que as ligam. Ora, tal afirmativa "ontológica" é mais facilmente anunciável que vivenciável. É que ainda não vivemos na utopia.

Notem que a rede telemática não apenas acaba com as noções de indivíduo e sociedade: acaba também com as noções do público e do privado. Portanto com a noção da consciência infeliz, esta que pendula entre o público para perder-se, e o privado para perder o mundo. As informações nos cabos percorrem os intervalos entre os indivíduos, e ao fazê-lo sincronizam o espaço e aniquilam o tempo: "utopia" significa precisamente falta de espaço, portanto tempo parado. Em tal situação não há nem espaço público nem espaço privado: todos os participantes da telemática são contemporâneos e vizinhos. Notem ainda que a rede telemática estabelece um presente parado, espécie de "nunc stans", de eternidade. As informações que percorrem os cabos reversíveis passam de memória para memória, e todas as suas variantes são armazenadas e recuperáveis. Em desafio ao segundo princípio da termodinâmica nenhuma informação se perde, a menos que seja deliberadamente apagada. Isto implica que o passado está sempre presente, e que o futuro é passado re-apresentado. Pós-história é isto. Tal desafio ao segundo princípio, (que é o motivo de todo processo mental), não é, no entanto, milagre que acaba com a tendência das coisas rumo à entropia. É possível, por ser a sociedade telematizada cultura "imaterial", isto é cultura que não mais armazena as informações elaboradas em objetos. Não há mais obras perecíveis e esquecíveis em tal cultura, apenas fluxo de bits de informação armazenadas electromagneticamente, e invocáveis audiovisualmente. Por certo; os cabos transportadores das informações, atualmente compostos de matéria inorgânica, e futuramente de matéria nervosa, são perecíveis. Portanto perecíveis são também os nós da rede, sejam eles cérebros humanos ou computadores. Não seremos por enquanto imortais em tal utopia. Mas isto pouco importa, já que as informações ela oradas pelos nós, (por nós e pelas nossas inteligências artificiais), são imperecíveis. O que, afinal das contas, se parece muito com a noção da imortalidade tanto dos judeus, "zecher", quanto dos gregos, "mnemosine". Em suma: o ponto chave da utopia telemática é memória processadora imperecível.

Retomarei o argumento da palestra precedente, no qual desenvolvi o conceito da imaginação de segunda ordem. O jogo telemático que acabo de esboçar e cuja finalidade seria a de conferir significados à vida dos participantes e

torná-los imortais em memórias imperecíveis, resultará em imagens sintetizadas dialogicamente pelos participantes da sociedade. Tais imagens sintéticas, tais computações de conceitos claros e distintos para formarem modelos de projeção de significados, serão os produtos culturais dominantes da futura sociedade. É imaginação de segunda ordem não mais a faculdade de mente individual, como o é o caso da imaginação de primeira ordem, mas será faculdade intersubjetiva: as novas imagens serão produto de colaboração dialogica entre inteligências artificiais e humanas. E os códigos digitais pelos quais tais imagens serão articuladas, tais códigos que operam com elementos pontuados como o faz o cérebro, serão os códigos dominantes da cultura futura, tomando destarte o lugar do código alfanumérico na cultura ocidental precedente. Imaginação de segunda ordem será pois nível de consciência que rompe a casca da individualidade para penetrar o terreno da intersubjetividade, como os processos cerebrais romperam a casca do crânio para serem observáveis de dentro para fora nos semicondutores. Os processos outrora chamados "mentais", como seja imaginação e razão discursiva, passarão a processos imateriais, naquela zona cinzenta entre mente e matéria que as novas técnicas tornam acessível. É tal zona cinzenta destruidora das categorias históricas que será o terreno da nova cultura.

Desfraldei visão utópica da cultura imaterial telematizada, na qual o homo ludens dedicará o tempo de sua vida à criatividade nascida de imaginação de segunda ordem, apoiada sobre razão clara e distinta, em sociedade dirigida ciberneticamente por feed-back intersubjetivo, sociedade sem governo nem poderes sociedade de liberdade. Todos os pressupostos técnicos para o estabelecimento de tal cultura são, desde já, dados: nada é preciso inventar, apenas é preciso distribuir os aparelhos existentes, e fazer com que a sociedade se aproveite deles. No entanto, não creio por um instante sequer que tal cultura será jamais realizada. A razão da minha descrença não está tanto nas catástrofes prováveis que impedirão a realização de tal projeto inebriante: na ameaça termo-nuclear, na poluição do ambiente terrestre, ou na revolta aliás justificada embora irracional do Terceiro mundo. Nem descreio da utopia por razões inerentes ao próprio projeto, por exemplo pela recusa dos homens a participarem do jogo creativo da doação de sentido ao absurdo da vida. Descreio na realização do projeto, porque estou convencido que sempre intervêm acidentes que impedem a realização de não importa que projeto, e que tais acidentes são, por definição imprevisíveis. Aliás, a imprevisibilidade de acidentes é a própria essência da liberdade. Surge portanto a pergunta: com que propósito apresentei este projeto utópico, e estas quatro palestras todas, que não são senão introdução ao projeto?

Não sei se a resposta a esta pergunta, que proponho com a máxima honestidade da qual sou capaz, será considerada satisfatória pelos senhores, mas ei-la: creio que engajar-se em projetos, que se sabem irrealizáveis mas desejáveis, e procurar convencer outros a se engajarem em tais projetos, torna os projetos um pouco menos irrealizáveis. E não conheço outro engajamento digno desse nome. E gostaria de encerrar este curso de palestras com a consideração seguinte: falei na intersubjetividade como em realidade concreta, da qual os sujeitos interligados não passam de horizontes abstratos. Tal relação intersubjetiva é aliás a única realidade concreta a qual podemos agarrarnos em situação na qual tudo outrora tido por real, (o mundo objetivo e o da mente), se dissipa em vacuidade. Ora, tal relação intersubjetiva tem nome antigo, embora desgasto e kitschizado: "amor" é esse nome.